

## ST 9- A ÁFRICA QUE VIVE NO BRASIL: O MEU REINO ENCANTADO

Taynnã Valentim Rodrigues\*

Este artigo é resultado de propostas de aulas realizadas na especialização em Educação Étnico-racial voltada para o Ensino Infantil, onde foram abordados temas relevantes a inserção de conteúdos sobre o ensino de história da África e cultura afro-brasileira, em paralelo a aplicabilidade da lei 10.639/2003. Esta lei que tem um pouco mais de dez anos veio enfrentando dificuldades e resistências com relação sua inserção no espaço escolar; pensando nisto apresentamos propostas de aula que buscam viabilizar o trabalho do professor dentro das temáticas relacionadas ao conteúdo afro-brasileiro no ensino infantil. As propostas aqui apresentadas perpassam brevemente pela religiosidade, estética e padrões de beleza estabelecidos pela mídia, leitura, escrita e oralidade, tomando enquanto fundamentação a obra de Verger (1997), os textos da edição Princesas Africanas (2009) da Revista Leituras Compartilhadas, Freire (1989) e Marcuschi (2005).

**Palavras-chaves:** Branqueamento; Estética; Oralidade.

---

\*UEPB/UFPB - Especializanda e Mestranda - Bolsista da CAPES.  
(taynnarodrigues@bol.com.br)

## A ÁFRICA QUE VIVE NO BRASIL: O MEU REINO ENCANTADO

No presente artigo pretende-se discorrer sobre a elaboração e apresentação de duas propostas de aula pensadas mediante as disciplinas “Religiões afro-brasileira” e “Educação Infantil e a criança afro-brasileira”, ambas ministradas no curso de Especialização em Educação Étnico-racial voltado para o Ensino Infantil, ofertada pelo Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- Campus III.

Gostaria de começar esta discussão teórica por enfatizar a importância de propostas que busquem por trazer para as salas de aula a África para além do olhar eurocêntrico. Um continente de riquezas culturais que ultrapassaram barreiras geográficas e temporais chegando a países como o Brasil, influenciando diretamente em suas construções culturais, sociais e identitárias. É preciso falarmos sobre essa África que vive no Brasil, essa África que nos habita.

Apesar da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar existir por meio da lei 10.639/2003 e estar presente também na Meta 07 do Plano Nacional de Ensino, em sua estratégia 7.25:

*Garantir nos currículos escolares conteúdos sobre história e as culturas afro-brasileiras e indígenas e implementar ações educacionais, nos termos das Leis nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e 11.645 de 10 de março de 2008, assegurando-se a implementação das respectivas diretrizes curriculares nacionais, por meio de ações colaborativas com fóruns de educação para a diversidade étnico-racial, conselhos escolares, equipe pedagógica e a sociedade civil. (p. 64).*

A inserção dos conteúdos de matrizes africanas nas escolas nem sempre condizem com o que se é estabelecido nos Planos e Metas para o ensino no Brasil. Sendo de suma importância discutir os entraves que norteiam a ausência da África nas escolas, como também os caminhos para sua emergência.

Foi proposto enquanto atividade da disciplina de Religiões Afro-brasileira que se elaborassem uma aula que tivesse por base uma lenda contada na obra *Lendas Africanas dos Orixás* de Pierre Verger (1997). Essa proposta se configurou enquanto um desafio, pois dentre os temas permeados pela temática africana, a religiosidade encontra-se como um dos que requer maior atenção em sua abordagem, visto que infelizmente as religiões africanas ainda encontram dentro das escolas uma resistência muito grande. Essa resistência pode ser entendida não apenas como uma questão de discriminação negativa, mais também por falta de conhecimento sobre o assunto.

Em uma proposta elaborada para o 4º ano do Ensino Fundamental com o tema “Origens da Cultura Brasileira: A África que vive no Brasil” se buscou trabalhar de forma transversal, trazendo a religiosidade e a culinária dos Orixás, enfocando a lenda da “Disputa entre Nanã Buruku e Ogum”<sup>2</sup>.

Sabendo que “A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas.” (BRASIL, 2013, p. 29), entendeu-se que o uso da transversalidade a partir da culinária para falar sobre religiosidade e apresentar a lenda para a turma, seria de grande importância, pois estaríamos trabalhando de forma lúdica e atrativa diante da facha etária presente nas turmas de 4º ano.

O objetivo geral foi contribuir para que os alunos conheçam a cultura africana que habita as terras brasileiras, no tocante da importância deste conhecimento para construção do respeito a diversidades culturais. Buscando apresentar a culinária dos Orixás enquanto um aspecto da religiosidade africana, com ênfase no Orixá Nanã<sup>3</sup>; e ainda compartilhar com os alunos as informações sobre a lenda “Disputa entre Nanã Buruku e Ogum”.

Após explicar para os alunos o que são os Orixás<sup>4</sup> e em que consiste as oferendas<sup>5</sup> para os mesmos, foi apresentado o Orixá Nanã e dois pratos típicos da culinária ofertada a mesma, paçoca de amendoim<sup>6</sup> e sarapatel<sup>7</sup>. A culinária enquanto um elemento transversal serviu à aula como ponto de ligação para apresentar à turma a lenda trabalhada, a fim de explicar o porquê de não se poder utilizar instrumentos de metal no preparo da comida ofertada a Nanã.

---

<sup>2</sup> Essa lenda narra uma disputa entre o Orixá Nanã, que se negando a reconhecer Ogum (o Orixá que produzia objetos de metal) enquanto o mais importante dos Orixás. Travando assim uma disputa que levou Nanã a não utilizar mais nada que fosse produzido de metal.

<sup>3</sup>Naná é o Orixá que habita nos pântanos e traz em seu domínio a vida e morte, saúde e maternidade. Sendo considerada a mais antiga das divindades das águas, ela representa a memória ancestral e é respeitada no Candomblé enquanto mãe de todos Orixás, em especial de Oxumaré e Obaluaê (Omólú).

<sup>4</sup> Divindades sagradas presentes na religiosidade de matriz africana.

<sup>5</sup> Rituais compostos de frutas, alimentos, carnes, bebidas, flores, louças e adereços que servem para oferecer aos orixás, como uma súplica para alcançar uma graça, bem como também para homenagear e cultuar um orixá.

<sup>6</sup> Doce tradicional brasileiro à base de amendoim, farinha de mandioca e açúcar. Típica comida dos estados de Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo.

<sup>7</sup> Designação comum de diversas iguarias preparadas com vísceras de porco, cabrito ou borrego. No Brasil o sarapatel é um alimento típico da culinária de Alagoas, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Metodologicamente essa proposta de aula se mostrou articulada ao uso da oralidade, visto que, foi feito uso da mesma para contar a lenda escrita por Verger (1997), em um diálogo com a religiosidade africana. O processo metodológico foi escolhido a partir de conhecimento sobre a importância da oralidade nas sociedades africanas, se não vejamos (SOLER-PONT, 2009: 09):

*Desde sempre, os habitantes da África converteram a história em lenda e as anedotas em contos. A tradição oral do continente fez com que os contos e as lendas passassem de geração a geração, através dos séculos, sem serem escritos. Os gritos os contavam, pais e mães, avôs e avós acabavam decorando-os de tanto ouvi-los e continuam a transmiti-los aos mais jovens. Só no final do século XIX e início do XX é que se começa a recolher a mitologia e os contos da África sob a forma de livros.*

Ainda pensando na questão da oralidade, no processo avaliativo, se prezou pela interação oral e impressões do aluno diante da exposição da lenda contada em sala. Buscando por envolver o aluno de forma direta na produção do conhecimento, acreditando ser este o caminho para a construção do respeito à diversidade e entendendo que “Só podemos aprender pelo diálogo, porque nesse processo é o próprio sujeito quem se educa com o outro”. (HEMANN, 2002: 94). Sendo assim, a escola deve ser por excelência o espaço do diálogo.

Tanto esta proposta como a que será apresentada a seguir se deram dentro do processo da oralidade, um procedimento metodológico que é contemplado no Parâmetro Curricular de história (PCN: História, 1997: 39) com relação às fontes históricas:

*Assim, há um grande número de pessoas que não fazem uso da escrita, tanto porque não tiveram acesso a processos formais de alfabetização como porque pertencem a culturas ágrafas, como no caso de populações indígenas. Nesse sentido, o trabalho pedagógico requer estudo de novos materiais (relatos orais, imagens, objetos, danças, músicas, narrativas), que devem se transformar em instrumentos de construção do saber histórico escolar.*

A oralidade consiste na fase inicial do processo de leitura e escrita da criança. A partir disso foi possível pensar a segunda proposta de aula que foi elaborada na disciplina de “Educação Infantil e a criança afro-brasileira”.

O processo metodológico utilizado na segunda proposta de aula também perpassou pelos caminhos da oralidade, sendo que, desta vez a oralidade foi vista para além de um caminho metodológico, se trabalhou esta enquanto uma das fases preparatória para a criança desenvolver a leitura e escrita, pois, “A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-la por meio da escuta da leitura do professor,

ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura”. (BRASIL, 1998: 141).

O exercício da disciplina “Educação Infantil e a criança afro-brasileira” consistia em propor uma aula onde fosse trabalhado o fenótipo da criança negra. Diante disso, se propôs uma aula para crianças de até seis anos com o tema “Princesas africanas: O meu reino encantado”, onde seria abordado o conteúdo das primeiras letras, uma vez que se trabalhou com a oralidade por meio de contação de história, entendendo-a como um caminho para o desenvolvimento das primeiras leituras e escrita gráfica.

O objetivo foi trazer para sala de aula um pouco da história das princesas negras em um diálogo com a representatividade e autoafirmação da criança negra. Para alcançar esse objetivo foi apresentado a rainha Nzinga Mbandi Ngola (Ginga)<sup>8</sup> e as princesas Akosua Bussia<sup>9</sup> e Sikhanyiso<sup>10</sup>. Foram feitos uso de imagens dessas princesas para ilustrar as histórias contadas, e de mapas com finalidade de situar o aluno geograficamente.

No segundo momento da aula, foi abordado o processo de avaliação que consistiu na construção de histórias para as princesas fictícias Dara<sup>11</sup>, Hanna<sup>12</sup>, Jamile<sup>13</sup>, Núbia<sup>14</sup>, onde os alunos seriam os responsáveis por dá continuidade a histórias (oralmente e imageticamente) á essas princesas.

As princesas fictícias foram pensadas dentro da lógica de quatro países da África, são eles: Senegal, Nigéria, Somália e Egito. Dessa forma, foi exposto um painel com o mapa desses quatro países como pano de fundo da narrativa do início da história das quatro princesas protagonistas. Em seguida os alunos dariam continuidade a essas histórias. Vejamos (BRASIL, 1998: 141-142):

*São inúmeras as estratégias das quais o professor pode lançar mão para enriquecer as atividades de leitura, como comentar previamente o assunto do qual trata o texto; fazer com que as crianças levantem hipóteses sobre o tem a partir do título; oferecer informações que situem a leitura; criar um certo suspense, quando for o caso; lembrar de outros textos conhecidos a partir do texto lido; favorecer a conversa entre as crianças para que possam*

---

<sup>8</sup> Rainha que viveu entre os séculos XVI e XVII e que teve importante papel na luta contra a escravização de seu povo na Angola.

<sup>9</sup> Princesa da contemporaneidade do país de Gana. Ao apresentar essa princesa aos alunos foi dando á mesma o apelido de Ako.

<sup>10</sup> Princesa da contemporaneidade residente na Suazilândia. Ao apresentar essa princesa aos alunos foi dado á mesma o apelido de Sik.

<sup>11</sup> Significa bonita e tem sua origem no Senegal.

<sup>12</sup> Significa felicidade e tem sua origem no Norte da Nigéria.

<sup>13</sup> Significa bonita e elegante e tem sua origem na Somália.

<sup>14</sup> Significa mulher negra, forte, original, mãe de uma nação e tem sua origem no Egito.

*compartilhar o efeito que a leitura produziu, trocar opiniões e comentários etc.*

Diante da fala acima é possível entender que a intenção avaliativa da proposta de aula sobre as princesas africanas foi convidar o aluno a participar ativamente da aula. Além de estar dando voz ativa ao aluno, se estaria também os levando a caminhar no território da oralidade em direção ao fazer da leitura e escrita.

Entendemos que a leitura, escrita e oralidade são indissociáveis na aprendizagem. De acordo com Marcuschi (2005: 15):

*[...] não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. [...] Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem a sua história e o seu papel na sociedade.*

Marcuschi deixa claro que a oralidade tem o seu papel no desenvolvimento da escrita, não podendo então ser vista enquanto inferior ou desnecessária no processo da mesma.

Podemos concluir que esta proposta de aula foi tecida pelo território do letramento, pois como foi dito anteriormente, para se tomar conhecimento e intimidade com o mundo das letras, a criança deve ouvir e contar histórias e se possível ter contato visual com as mesmas. A fase inicial do letramento se dá pela oralidade, meio pelo qual a criança se expressa livremente. Segundo Paulo Freire (1989) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. Isto revela a importância do mundo que apresentamos aos alunos enquanto professores; um mundo no qual as princesas não sejam todas brancas e de cabelos loiros e lisos.

Ente os objetivos gerais dessa proposta foi levantado o desejo de contribuir para a desconstrução de padrões estabelecidos pela mídia infantil com relação à estética. Sabendo que o ideal de princesa que vêm sendo construído nas crianças costuma ser pautado na ideologia do branqueamento, que por meio de estratégias busca branquear a população negra impondo-lhe elementos culturais e padrões de branquitude, na tentativa de transvestir o negro de branco para que possa ser então aceito dentro de um espaço construindo para o branco.

A ideologia de branqueamento, que foi objeto de discussão de Dávila (2006) em sua tese de doutorado, no espaço escolar encontra entre seus mecanismos de efetivação as práticas que atuam dentro da Cultura Escolar, como por exemplo, a escolha do livro didático, dos brinquedos de recreação, das histórias a serem contadas e

livros paradidáticos expostos no cantinho da leitura, ou até mesmo na aparentemente inofensiva decoração da sala de aula.

A ideologia do branqueamento segundo Hofbauer (2007) atingiu, sobretudo os padrões de comportamento impostos à sociedade. Nesse ponto podemos perceber qual a imagem de princesa que a mídia e o mercado infantil trazem em sua maioria. A representação de um ideal de princesa branca, contribuindo assim para a construção do pensamento de que só existe princesas brancas, que para ser princesa é preciso ser branca ou pelo menos se transvestir de branca, branquear-se.

Entre as referências que foram utilizadas é importante destacar os textos publicados na edição *Princesas Africanas* (2009) da Revista Leituras Compartilhadas, que trazem textos assinados por especialistas nas áreas de cultura afro-brasileira, história do continente africano e escravidão no Brasil. Esta edição discute histórias sobre rainhas e princesas africanas, como Cleópatra, que por varias vezes foi retratada erroneamente em obras cinematográficas com a pele branca.

Em alguns textos presente em *Princesas Africanas* vamos encontrar a quebra de padrões de beleza estabelecidos à princesa, ponto que também se faz importante em discussões que tragam a temática aqui proposta, visto que esses padrões estéticos cruelmente atingem nossas crianças.

Gostaria de encerrar esta exposição com um ponto continuativo, pois é de grande necessidade que diálogos como este conquistem espaço dentro das escolas entre, sobretudo no meio docente, pois é preciso que os educadores tomem consciência da importância de trazer para suas salas de aula debates e metodologias que valorize a diversidade presente no espaço em que atuam, pois dessa forma estarão contribuindo para a construção do conhecimento e do respeito entre as relações raciais em um país que infelizmente ainda traz as marcas dos grilhões da escravidão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024: **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE)**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História, geografia**. Brasília, 1997.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. São Paulo: Unesp, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ªed. São Paulo: Cortez, 1989.

HERMANN, Nadja. “As relações entre hermenêutica e educação”. In: **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 83-102.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Unesp, 2007.

MAIA, Ana Claudia (ed.) e outros. “Princesas Africanas”. In: **Leituras Compartilhadas**. Ano 9, n. 19, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita: Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOLER-PONT, Anna. **O príncipe medroso e outros contos africanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERGER, Pierre Fatumbi. “A disputa entre NanãBuruku e Ogum”. In: **Lendas africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1997, p. 59-61.

## **SITES**

Pagina de Pai Jorge

<http://www.vetorial.net/~rakaama/o-nana.htm>

Site acessado em 23 de janeiro de 2017, às 20h39 min.

Pagina Candomblé: O mundo dos Orixás

<https://ocandomble.com/os-orixas/nana/>

Site acessado em 22 de janeiro de 2017, às 17: 33 min.